

PLANTAS MEDICINAIS E O OLHAR ETNOBOTÂNICO: PERCEPÇÃO DE ALUNOS DO 7º e 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Heloisa Rodrigues da Silva¹
Francisca Micaely Ferreira Monteiro²
Raiany Larissa Lima de Oliveira³
Andréa Karla da Costa Brandão⁴
Jamilly Leila Alcantara da Silva⁵
Rivete Silva de Lima⁶

RESUMO

As plantas medicinais possuem propriedades fitoterápicas capazes de proporcionar benefícios para a qualidade de vida humana, sendo o estudo sobre a utilização destes vegetais algo que está interligado com o que se entende por etnobotânica, área que busca compreender a relação existente entre os seres humanos e as plantas, inferindo sobre aspectos do conhecimento popular e científico. Apesar de conviver com diferentes espécies de plantas, seja em casa ou até mesmo no ambiente escolar, dificilmente os alunos são incentivados a refletir sobre as potencialidades das plantas para obtenção de produtos com fins terapêuticos. Portanto, abordar de forma ampla a temática, sob o viés da etnobotânica, tende a estimular os estudantes quanto a associação entre os saberes tradicionais e científicos e estimular a interdisciplinaridade, por exemplo, entre as disciplinas de biologia, química, geografia e história. O objetivo deste trabalho foi dimensionar, a partir de uma análise quali-quantitativa e descritiva, as respostas obtidas em uma questão aplicada com estudantes do Ensino Fundamental, participantes do projeto PROLICEN/UFPB. Participaram da pesquisa 308 estudantes de uma escola pública estadual localizada em João Pessoa- Paraíba, sendo 154 estudantes do 7º ano e 154 do 8º ano. Na pergunta em que foi solicitado para os estudantes citarem três nomes de plantas medicinais os resultados foram o seguinte: 113 não fizeram nenhuma citação, enquanto os demais apresentaram as seguintes respostas: camomila (74), maconha (50), babosa (36), erva doce (34), capim santo (23), cidreira (27), boldo (58), hortelã (27), alho (5). Os dados foram analisados e indicaram a necessidade de maior divulgação, junto aos estudantes de educação básica, acerca da importância e potencialidade das plantas medicinais.

Palavras-chave: Plantas Medicinais; Ensino de botânica, Etnobotânica, Ensino Fundamental; PROLICEN.

INTRODUÇÃO

O estudo da botânica não se configura apenas no conhecimento acerca dos aspectos morfológicos e fisiológicos das plantas, mas também no entendimento sobre as propriedades

¹ Graduanda Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, bioheloisarodrigues@gmail.com

² Graduanda Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, micaelymonteiro10@gmail.com

³ Graduanda Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, raaylarissal@gmail.com

⁴ Graduanda Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, andreakarla@live.com

⁵ Graduanda Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, jamilyleilaalcantara@gmail.com

⁶ Professor orientador: Professor titular, Universidade Federal da Paraíba - UFPB; rivete@dse.ufpb.br

farmacológicas associadas a elas. Logo, é possível compreender que as plantas medicinais possuem propriedades fitoterápicas capazes de proporcionar benefícios para a qualidade de vida humana, o que fez com que essa utilização “antes situado à margem das instituições de saúde, hoje ultrapassa essas barreiras tentando legitimar-se nesse meio” (ALVIM *et al.*, 2006, p. 3).

Considerando o contexto do Brasil, as plantas medicinais costumam ser bastante usadas pela população, pois o país “possui uma flora medicinal muito rica” (RICARDO, 2009, p. 4). Assim, ao reconhecer os saberes tradicionais associados à utilização dessas plantas, é possível verificar que “muitas vezes esse uso se baseia em conhecimento empiricamente construído” (IBID, p. 4). Por isso, o ensino de botânica atrela-se à perspectiva da etnobotânica, por esta área levantar discussões a partir desse conhecimento, promovendo a interligação entre o estudo das plantas e a realidade do sujeito, além de desencadear a efetivação de uma prática de ensino contextualizada e facilitar a interdisciplinaridade.

No contexto social, nem todos os indivíduos compreendem os benefícios medicinais proporcionados pelas plantas, mas é comum observar que, de forma indireta, nas famílias esse conhecimento normalmente costuma ser apresentado pelos avôs e avós. Nisso, a utilização das plantas medicinais revela uma prática que é difundida a partir do saber popular, o que representa muitas vezes “o único recurso terapêutico utilizado por alguns grupos étnicos” (SIMÃO *et al.*, 2009, p. 1), fato este que dialoga com o que é comentado por Maciel (2002, p. 429), ao afirmar que

Dessa forma, usuários de plantas medicinais de todo o mundo, mantêm em voga a prática do consumo de fitoterápicos, tornando válidas informações terapêuticas que foram sendo acumuladas durante séculos. De maneira indireta, este tipo de cultura medicinal desperta o interesse de pesquisadores em estudos envolvendo áreas multidisciplinares, como por exemplo botânica, farmacologia e fitoquímica, que juntas enriquecem os conhecimentos sobre a inesgotável fonte medicinal natural: a flora mundial. (MACIEL, 2002, p. 429)

Nessa perspectiva, esse estudo se direcionou para discutir o potencial das plantas medicinais como uma forma de trabalhar a interdisciplinaridade em sala de aula, a partir da etnobotânica e da contextualização do ensino de Botânica. Assim sendo, o projeto foi desenvolvido com alunos do 7º e 8º anos do ensino fundamental de uma escola de João Pessoa - PB, com o objetivo de analisar o conhecimento dos estudantes sobre o uso de plantas medicinais, bem como as relações existentes entre o conhecimento construído com os saberes tradicionais adquiridos de outras gerações.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização do estudo acerca da percepção dos alunos do 7º e 8º ano do Ensino Fundamental sobre as plantas medicinais, foi utilizada uma pesquisa participante de cunho quali-quantitativa do tipo descritiva. Denzin e Lincoln (2006) apontam que a pesquisa qualitativa se configura como um conjunto de práticas, na qual envolve uma abordagem naturalista e interpretativa, em que o pesquisador estuda os objetos em seu cenário natural e com isso busca não só entender, como também interpretar esses fenômenos e os significados atribuídos a eles. Dessa forma, constitui-se como uma pesquisa do tipo descritiva, uma vez que a análise dos dados se dá de forma indutiva (SILVA; MENEZES, 2005). Além disso, vale salientar que o desenvolvimento da pesquisa ocorreu durante a execução do Projeto de Licenciatura (PROLICEN), intitulado “Botânica na Escola”, possuindo a respectiva aprovação do Comitê de Ética.

Sendo assim, para o desenvolvimento deste trabalho, foram selecionadas as turmas do 7º e 8º ano do Ensino Fundamental II da escola CEEEA Sesquicentenário, localizado no município de João Pessoa-PB, na qual são ofertadas turmas de Ensino Fundamental anos iniciais e anos finais, e Ensino Médio. Atualmente, atende aproximadamente 1945 alunos, sendo desse total, cerca de 175 matriculados no 7º ano e 178 matriculados no 8º ano, no turno da tarde. A escola atende estudantes de classes economicamente variadas de bairros circunvizinhos e da Região Metropolitana de João Pessoa.

A coleta de dados ocorreu através da aplicação de um questionário contendo 10 questões, variando entre perguntas abertas, fechadas e mistas, as quais tinham como objetivo avaliar o nível de conhecimento prévio dos alunos do 7º e 8º ano sobre botânica. Entretanto, o foco do presente trabalho se baseou nas respostas obtidas através da quarta questão, sendo ela: “Cite três exemplos de plantas medicinais e diga quem você conhece que já fez uso de alguma delas”. Para tanto, foram contabilizadas **308** respostas, estas refletindo no número de alunos que participaram da pesquisa, sendo o quantitativo de **154** alunos para cada ano escolar.

Após a realização dos questionários, no abrangente a organização e tratamento de dados, utilizou-se o método de tabulação, que se caracteriza por dispor as informações coletadas em tabelas a fim de facilitar a leitura e simplificar a observação das inter-relações entre as variáveis da pesquisa. Os dados foram tabulados mediante a identificação e categorização das respostas, subdividindo-as em unidades comuns, e a interpretação destes baseou-se nos objetivos desta pesquisa, buscando extrair da mesma um melhor entendimento acerca da

percepção dos estudantes da educação básica sobre as plantas medicinais, a partir dos conhecimentos gerais sobre Botânica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar as respostas obtidas dos **308** alunos participantes, foi possível observar dados interessantes para fomentar a discussão acerca das plantas medicinais. Dito isso, os dados obtidos mostraram que grande parte dos estudantes não souberam responder com exemplos, aspecto que também foi observado pelo número de alunos que solicitaram respostas às bolsistas que estavam aplicando o questionário. Logo, do total de **154** respostas analisadas das turmas de 7º ano, 53 alunos não souberam responder, enquanto os demais utilizaram os seguintes exemplos: camomila (51), boldo (47), maconha (18), hortelã (18), babosa (16), erva doce (14), erva cidreira (14), capim santo (10) e outras opções. Com relação às turmas de 8º ano, dos **154** alunos participantes, um quantitativo de 60 estudantes afirmaram não saber o que seriam plantas medicinais, enquanto os demais trouxeram respostas com exemplos variados, como maconha (32), camomila (23), babosa (20), erva doce (20), capim santo (13), erva cidreira (13), boldo (11), hortelã (9), entre outros.

Dessa forma, temos um comparativo claro sobre a percepção dos estudantes, a partir daqueles que sugeriram exemplos em relação aos que responderam não saber, o que indica que o ensino de Botânica, especificamente no que tange às plantas medicinais, precisa ser trabalhado de forma contextualizada, pois como sugere Cruz (2017, p. 53), o ensino só irá “se transformar pela educação problematizadora, pela contextualização e pela motivação dos nossos educandos e professores”. Assim, é compreensível que haja desafios a serem lidados quanto ao ensino das plantas, porém uma temática como essa tende a proporcionar uma interligação entre saberes tradicionais e as próprias vivências dos indivíduos, algo que deve ser o ponto de partida do aprendizado e não apenas algo “acessório” (CRUZ, 2017, p. 55), mesmo que, por trás dessa interligação, os estudantes não estejam necessariamente cientes da influência histórico-cultural existente.

Outro aspecto trazido na questão foi a respeito de quem os estudantes conhecem que faz uso de plantas medicinais, considerando as **154** respostas obtidas no 8º ano, um quantitativo de 73 alunos não respondeu, 60 alunos afirmaram não saber, uma pequena parcela indicou que familiares utilizam (15) e/ou adquiriram a informação por meio do uso próprio (6), como também discutindo com outras pessoas sobre estas plantas (4). Com relação

aos estudantes do 7º ano, considerando os **154** participantes, 75 não responderam, 29 afirmaram não saber, enquanto os demais variaram as respostas entre as seguintes opções: familiares (47), adquiriu a informação por meio do uso próprio (5), discutiu com outras pessoas sobre as plantas (3), rede social (1), amigos (1) e vizinho (1). Além disso, houve “índio” como resposta de um estudante de cada ano escolar, que apesar de ter sido uma menção errônea a utilização do termo “índio”, no entanto, remete ao que Lindenmaier e Putzke (2011, p. 8) trazem sobre ser "provável que muito do conhecimento tradicional atual sobre o uso das plantas seja oriundo da cultura indígena". Além disso, articula-se também ao que Rocha e Marisco (2016, p. 157) pontuam sobre ser de grande importância conhecer a relação das comunidades tradicionais com as plantas, em destaque os indígenas, para entender melhor esse contexto das plantas medicinais.

Nesse sentido, os saberes tradicionais trazem um rico conhecimento sobre a utilização das plantas medicinais, sob um caráter etnobotânico, que "busca captar as diferentes dimensões da relação de grupos humanos e as plantas" (VIU *et al.*, 2010, p. 139) evidenciando a importância e os benefícios que as plantas possuem devido às propriedades farmacológicas associadas a elas, fato que tende a proporcionar uma melhor qualidade de vida para os seres vivos. Estas plantas são comumente utilizadas para fins terapêuticos (ALVIM *et al.*, 2006) e outras funções que, embora não recorram ao pensamento dos indivíduos em primeiro momento, encontram-se na rotina das famílias que priorizam a utilização de produtos naturais com o objetivo principal de curar possíveis enfermidades, assim como gerar alívio e bem-estar.

Por isso, os questionários dos alunos que responderam “não saber” suscitam um debate sobre o quanto o senso comum é capaz de prevalecer, pois o uso de plantas medicinais “trata-se de um saber e de uma prática historicamente legitimados e difundidos no senso comum” (Ibid., p. 8). Assim, mesmo que não haja uma compreensão direta do conhecimento científico existente por trás da utilização das plantas medicinais, esse saber continua sendo difundido através de gerações, fato este que dialoga com o segundo ponto abordado na questão.

Por outro lado, voltando-se às respostas em que os estudantes exemplificaram espécies de plantas, é possível relacioná-las com as comumente utilizadas para se fazer, principalmente, chás e xaropes, a exemplo da camomila que representa a planta mais citada pelos estudantes do 7º ano. Um estudo feito por Silva *et al.* (2015) indica que remédios caseiros como chás, xaropes e lambedores são preparos comuns indicados pelos indivíduos

que fazem uso das plantas medicinais, sendo o chá a forma de preparo mais citada. Sabemos da importância das propriedades de algumas das plantas mais citadas pelos estudantes, como por exemplo a *cannabis*, popularmente conhecida como “maconha” e por isso, é fundamental a realização de discussões acerca do seu uso para fins medicinais, considerando os estudos que validam os “efeitos comprovados contra doenças como epilepsia, ansiedade, depressão, doença de Parkinson, esclerose múltipla e cefaleia” (ARAÚJO, 2021, p. 8). Deste modo, é possível promover a interação entre os saberes acadêmicos e populares e assim, promover a alfabetização científica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, a realidade observada pela análise dos questionários demonstrou que alguns estudantes não possuem os conhecimentos devidos sobre a diversidade de plantas medicinais presentes na flora brasileira. Além disso, de acordo com os dados obtidos, foi possível compreender que existe uma dificuldade quanto ao entendimento do que são plantas medicinais, como também das propriedades farmacológicas pertencentes a elas. Por outro lado, uma parcela dos alunos utilizou exemplos e, através das respostas dadas, uma reflexão sobre o contexto histórico-cultural por trás do uso das plantas para fins medicinais pode ser facilmente abordada em sala de aula.

Ademais, dentre as espécies mais citadas se encontra a *cannabis*, popularmente conhecida por “maconha” e, nesta perspectiva, a prevalência desta planta em relação às outras, abre caminhos para a abordagem do assunto no ambiente escolar. Assim, o diálogo pode objetivar não apenas reconhecer os princípios ativos que a planta possui e suas respectivas ações fitoterápicas, mas também gerar uma discussão conscientizadora a respeito do uso no formato *in natura*. Logo, esses resultados abrem espaço para uma nova perspectiva de ensino voltada para as plantas medicinais na educação básica.

Em concernente com os resultados observados após a aplicação dos questionários, mediante ao que foi exposto e verificado, faz-se necessário a ampliação e incentivo de estudos voltados às plantas medicinais e a etnobotânica nas escolas. Dessa forma, o educador será capaz de considerar os conhecimentos prévios dos estudantes, associando-os ao contexto cultural e social que o aluno está inserido para, a partir disso, criar pontes capazes de não só aproximá-lo do conteúdo de Ciências, mas também da construção do conhecimento científico através da valorização dos saberes tradicionais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a UFPB pela oportunidade de poder participar de um Programa de Licenciaturas (PROLICEN), à escola CEEEA SESQUICENTENÁRIO por ceder o espaço para execução do projeto e desenvolvimento desta pesquisa e, por fim, ao PRG/UFPB pela bolsa concedida às três primeiras autoras deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ALVIM, N. A. T.; FERREIRA, M. A.; CABRAL, I. E.; FILHO, J. A. F. The use of medicinal plants as a therapeutical resource: from the influences of the professional formation to the ethical and legal implications of its applicability as an extension of nursing care practice. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 3, 2006.

ARAÚJO, G. C. **Uso de cannabis para o tratamento de pacientes com doença de Alzheimer: revisão narrativa.** Tese de Dissertação (Enfermagem) - PUC Goiás, Goiás, 2021.

CRUZ, B. P. **O ENSINO DE BOTÂNICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM OLHAR VOLTADO PARA A FLORA BRASILEIRA.** Tese de Doutorado (Ciências Naturais) - Universidade Estadual do Norte Fluminense, Rio de Janeiro, 2017.

DENZIN, Norman K.; LICONLN, Yvonna S. **O planejamento da Pesquisa Qualitativa: teoria e abordagens.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 17-18.

LINDENMAIER, D. S.; PUTZKE, J. Estudo etnobotânico em três comunidades Mbya/Guarani na região central do Rio Grande do Sul, Brasil. SciELO, **Revista Caderno de Pesquisa**, Série Biologia, v. 23, n.3, p. 6-18, Santa Cruz do Sul. 2011.

MACIEL, M. A, M.; PINTO, A. C.; JUNIOR, V. F. V.; GRYNBERG, N. F.; ECHEVARRIA, A. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, v. 25, n. 32002.

RICARDO, L. M. **Uso de plantas medicinais: o Sistema Único de Saúde e a autonomia dos saberes comuns.** 2009. 72f. Monografia (Especialização em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - ENSP, Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2009.

ROCHA, R. MARISCO, G. Estudos etnobotânicos em comunidades indígenas no Brasil. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, Vol, 10(2), 95-219, Abr-Jun 2016.

SILVA, C. G.; MARINHO, M. G. V.; LUCENA, M. F. A.; COSTA, J. G. M. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de Caatinga na comunidade do Sítio Nazaré, município de Milagres, Ceará, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 17, n. 1, 2015.



SILVA, E. L.; MENEZES E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.

SIMÃO, L. A.; NOGUEIRA, M. U.; CAMPOS, M. J. A.; SOARES, T. C. B.; PEREIRA-JUNIOR, O. S.; PAULA, H. **Levantamento etnobotânico de plantas medicinais do distrito de rive do município de Alegre – ES. In: XIII Encontro latino-americano de iniciação científica e ix encontro latino americano de pós-graduação**; 2009; Universidade do Vale do Paraíba, São Paulo, Brasil, 2009, p.1-2

VIU, A.F.M.; VIU, M.A.O.; CAMPOS, L.Z.O. Etnobotânica: uma questão de gênero? Porto Alegre, Associação Brasileira de Agroecologia. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.5, n.1, p. 138-147, 2010.